

UMA ABORDAGEM DO NILISMO A PARTIR DOS TIPOS HUMANOS EM NIETZSCHE

AN APPROACH TO NIHILISM FROM THE HUMAN TYPES IN NIETZSCHE

Fabício Fonseca Machado¹

Resumo: Tema fulcral, o niilismo aparece de modo incisivo na filosofia de Nietzsche, mormente no período tardio. Cada qual a seu modo, inúmeros são os comentadores que se debruçaram sobre a aludida temática na obra do filósofo de Sils-Maria. Em seu livro *Niilismo, criação e aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos* (2004), por exemplo, Clademir Araldi apresenta-nos uma abordagem genuína por meio da qual evidencia a investigação do niilismo a partir dos tipos humanos em Nietzsche. Em vista da divisão tripartite dos escritos nietzschianos, tal intérprete sustenta que o filósofo alemão concebeu tipos afirmativos exatamente para dar conta da questão do niilismo: no primeiro período, o artista trágico; no segundo, o espírito livre; no terceiro, o além-do-homem. Desse modo, o presente artigo procura erigir uma breve análise acerca da tipologia nietzschiana e, ademais, externar a estratégia desenvolvida por Araldi e a sua importância para, a partir dos tipos humanos, perquirir a problemática do niilismo.

Palavras-chave: Nietzsche. Niilismo. Tipos. Clademir Araldi.

Abstract: As a central theme, nihilism appears incisively in Nietzsche's philosophy, especially in the late period. Each in its own way, many commentators have focused on the alluded theme in the work of the philosopher of Sils-Maria. For example, In his book *Nihilism, Creation and Annihilation: Nietzsche and the Philosophy of the Extremes* (2004), Clademir Araldi presents us with a very genuine approach through which evidences the investigation of nihilism from the human types in Nietzsche. Given the tripartite division of Nietzschean writings, this interpreter holds that the German philosopher conceived affirmative types to handle the nihilism issue: in the first period, the tragic artist; in the second, the free spirit; in the third, the overman. Thus, the present article seeks to elaborate a brief analysis about the Nietzschean typology and, in addition, to express the strategy developed by Araldi and its importance to investigate, from the human types, the problematic of nihilism.

Keywords: Nietzsche. Nihilism. Types. Clademir Araldi.

1. Introdução

A investigação do niilismo assume características peculiares na filosofia de Nietzsche. Com efeito, o pensador alemão empreende suas análises a partir do campo da crítica da moral, donde os valores niilistas se alastram para todos os demais domínios da existência humana. De base platônica, a moral cristã é o elemento fundamental a desencadear o movimento histórico do niilismo, o grande processo de desvalorização dos valores supremos. Nietzsche, nesse sentido, incumbe-se não apenas da tarefa de promover a derrocada dos valores morais

¹ Mestrando em Filosofia na UFPel. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9168527889833087>. Endereço eletrônico: fabricao-machado@hotmail.com.

cristãos, mas também do encargo incessante de perseguir um novo estatuto para a existência, cujo fundamento primordial seja a afirmação da vida.

Neste trabalho, pretendemos estabelecer uma breve análise acerca da noção nietzschiana de tipo e demonstrar, de igual forma, a metodologia desenvolvida por Araldi (2004) e a sua relevância para, a partir dos tipos humanos, interrogar a problemática do niilismo no interior do pensamento de Nietzsche. Sendo assim, para alcançarmos o intento visado o presente artigo encontra-se articulado em dois segmentos principais, quais sejam: a) A questão dos tipos no pensamento nietzschiano; b) Uma abordagem do niilismo a partir dos tipos humanos em Nietzsche.

Na primeira seção, apresentaremos um conceito genérico de tipo: uma classe ou categoria de seres agrupados de acordo com certos traços distintivos. Veremos que, em Nietzsche, tal conceito constitui-se em um recurso valioso para o estudo do homem e da civilização em geral. Nesse caminho, traremos à tona as considerações desenvolvidas por Karl Jaspers, que subdivide a tipologia nietzschiana, de um lado, em figuras humanas da existência efetiva e, de outro, em imagens diretrizes que apontam para a possibilidade de superação do homem. De igual modo, discutiremos a relevante contribuição de Patrick Wotling sobre a temática, cuja análise, dentre outras coisas, também gravita em torno da importância da linguagem imagética na obra do filósofo de Sils-Maria, sobretudo no âmbito da metaforicidade vegetal.

Na segunda parte, trataremos da prolífica estratégia concebida por Araldi (2004) para, a partir dos tipos humanos, explorar o niilismo e seus correlatos pessimismo e decadência na obra de Nietzsche. Tal comentarista efetua uma investida na questão dos extremos nietzschianos (niilismo e sua superação/criação) a partir da análise dos tipos afirmativos mais representativos de cada período. Desse modo, o referido intérprete percorre os meandros do niilismo no *corpus* nietzschiano a partir dos tipos mais emblemáticos de cada período: o artista trágico, o espírito livre e o além-do-homem.

Com a questão da tipologia, seguramente o filósofo alemão procura elementos concretos, elementos tangíveis para a reflexão acerca do problema do homem, do sentido e do valor da existência, furtando-se a qualquer recurso ou sistema de ordem metafísica ou especulativa. Nesse sentido, veremos que, com Araldi, a partir desse cabedal tipológico

descortina-se um amplo horizonte para a inquirição do niilismo, da afirmação e da negação da vida na obra de Nietzsche.

2. A questão dos tipos no pensamento de Nietzsche

O conceito mais geral de tipo refere-se a uma classe ou categoria de seres agrupados conforme certos traços distintivos². Por conseguinte, uma tipologia diz respeito ao estudo dos tipos numa determinada disciplina, ciência ou área do conhecimento qualquer³. Assim, por exemplo, podemos constatar uma tipologia em matérias como Astronomia, Biologia, Linguística, Psicologia, Teologia e assim por diante.

Na esfera filosófica, especificamente, o conceito de tipo já foi usado por Platão, na *República*, e também por Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*. Durante muitos anos, acabou prevalecendo uma conotação mais científica para a palavra tipo, atrelada à Biologia e à Psicologia, culminando no século XX com o seu uso na teoria dos tipos lógicos de Russell e Whitehead⁴. Na presente investigação, importa-nos analisar notadamente o conceito de tipo

² O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa traz vinte definições para o verbete tipo. Dentre elas, podemos mencionar as seguintes: “**tipo** s.m. (1634-a1666 cf. FMMelC) **1** objeto ou coisa que serve ou se usa para produzir outro igual ou semelhante; modelo <criaram um t. original para fazer a nova série de carros> **2** coisa ou indivíduo que possui em grau elevado os caracteres distintivos de uma classe, um grupo etc.; símbolo <aquela construção é o t. da arquitetura neoclássica> <ela era o t. da mulher fiel> **3** classe, categoria de seres, agrupados segundo alguma (s) característica (s); espécie, gênero <coloque os artigos do mesmo t. nesta prateleira> <não gosto desse tipo de quadro> **4** conjunto de traços característicos de uma raça, de uma família, das pessoas de determinada região etc. <tipo nordestino, t. eslavo, t. muçulmano> **5** personagem original, figura que se pode considerar como modelo próprio para ser imitado pelos artistas ou escritores <João da Ega, o Conselheiro Acácio e Fradique Mendes estão entre os melhores t. ecianos> **6** *infrm.* pessoa excêntrica, de grande originalidade <sem dúvida, ele é um t.> [...] **8** *infrm.* pessoa pouco respeitável <não me dou com aquele t.> [...]” (HOUAISS, 2001, p. 2.722).

³ Conforme Abbagnano (2000, p. 959), tipologia é o “estudo dos tipos numa disciplina ou ciência qualquer; p. ex., T. biológica, T. racial, T. psicológica etc”.

⁴ Eis o conceito de tipo, extraído do *Dicionário de Filosofia* de Abbagnano (2000, p. 959): “**TIPO**. No sentido de modelo, forma, esquema ou conjunto interligado de características que pode ser repetido por um número indefinido de exemplares, essa palavra já é usada por Platão (*Rep.*, 379 a, 380 c, 396 e etc) e por Aristóteles (*Et. nic.*, II, 2, 1104 a 1; *Ibid.*, II 7, 1107 b 14 etc.). Galeno usou-a para indicar as formas da doença (*Op.*, ed. Kühn, VII, 463), e essa palavra continuou com o mesmo significado em muitos usos correntes da linguagem comum, científica e filosófica. A biologia e a psicologia utilizam muito esse termo e o consideram fundamental. Kretschmer, p. ex., diz: ‘Aquilo que chamamos, matematicamente, de pontos focais de correlações estatísticas, chamamos também, em prosa mais descritiva, de T. constitucionais. (...) Pode-se reconhecer o T. verdadeiro pelo fato de ele sempre conduzir a maiores conexões de importância biológica. Sempre que há muitas e renovadas correlações com fatores biológicos fundamentais (...) estamos diante de pontos focais da máxima importância’ (*Körperbau und Charakter*, 1948). Em psicologia, o T. é analogamente definido como ‘um grupo de padrões correlativos’, do mesmo modo como padrão é definido como um grupo de atos comportamentais ou de tendências a ações correlativas (H. J. EYSENCK, *The Structure of Human Personality*, 1953, pp. 13 ss.).

O significado dessa palavra não muda na chamada ‘teoria dos T. lógicos’ de Russell e Whitehead, na qual designa as formas ou os modelos dos conceitos (V. ANTINOMIA). Para Peirce, T. é a palavra ou o signo que não seja uma coisa única ou um evento único, mas uma ‘forma definidamente significante’ que, para ser usada, deve ganhar corpo numa ocorrência (*token*); esta deve ser o signo de um T., portanto do objeto que o T. significa. P. ex., é T. o artigo ‘o’ na língua portuguesa, que não pode ser visto ou ouvido porque não é um evento

advindo da Biologia e da Psicologia⁵, no âmbito de definição dos tipos biopsicológicos relacionados ao estudo do niilismo.

No interior do pensamento nietzschiano, por sua vez, a noção de tipo assume significativa relevância no sentido de servir como subsídio para a tematização da questão do homem e do problema civilizacional. No verbete *tipo*, por exemplo, do recente *Dicionário Nietzsche*, sustenta Araldi (2016, p. 395) que “com o termo tipo Nietzsche expressa não só a constituição fisiopsicológica de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, mas também o longo e complexo processo de formação e fixação das características da espécie humana, nos processos culturais, históricos [...]”.

Não obstante, um dos primeiros teóricos a discorrer sobre a importância dos tipos em Nietzsche foi Karl Jaspers. Em sua obra *Introdução à Filosofia de Nietzsche* (2015 [1935]), o estudioso alemão preocupa-se inicialmente em desfazer a apropriação indevida do pensamento nietzschiano por parte do nazismo. Além do mais, dedica um capítulo inteiro do livro⁶ a examinar em minúcias a questão específica do homem nas produções do filósofo de Sils-Maria. Acerca dos tipos, nessa banda, Jaspers procura evidenciar que

Imagens do homem são ou bem descrições de tipos de sua *realidade efetiva*, ou bem elas são projetos de sua *possibilidade*. As imagens delineadas por Nietzsche residem nesses dois planos. A primeira mostra uma grande multiplicidade de *figuras* da *existência*: tipos sociológicos como o comerciante, o político, o sacerdote, o erudito, e, além disto, tipos caracteriológicos. Essas considerações psicológicas não carecem em sua riqueza de nenhum relatório e de nenhuma ordem. O essencial é que já junto à apresentação psicológica sempre fala concomitantemente a cada vez uma insuficiência: a visão impele para ‘*homens superiores*’. O segundo plano mostra, por isto, figuras do *crescimento* dos homens para além de sua mera existência. Os homens aparecem como seres bem constituídos, que, contudo, estão extremamente expostos ao perigo de que fracassem inteiramente em meio à realidade efetiva, ou bem como seres bem constituídos que consomem a si mesmos em uma insatisfação consigo mesmos, algo que também aponta para um equívoco de fato e para uma situação que deve ser superada. Por isto, para além de todos os homens superiores, Nietzsche vislumbra ainda uma derradeira possibilidade de um terceiro plano, sobre

único, mas determina os eventos únicos, vale dizer, as ocorrências ou os *exemplos* dele no discurso escrito ou falado (*Coll. Pap.*, 4.537) (v. OCORRÊNCIA; PALAVRA; SIGNO)”.

⁵ Ainda consoante Houaiss (2001, p. 458): “**biotipologia** *s.f* (sXX cf. AGC) BIO PSIC estudo dos tipos antropológicos com suas variações morfológicas, fisiológicas e psicológicas, cujo objeto é a definição de tipos biopsicológicos com o fim de estabelecer uma classificação dos seres humanos. [...] SIN/VAR tipologia”. Ou seja, biotipologia é aqui tomada enquanto sinônimo ou variação de tipologia.

⁶ A obra *Introdução à filosofia de Friedrich Nietzsche*, de Karl Jaspers, volume único, divide-se em três livros: 1. *A vida de Nietzsche*; 2. *Os pensamentos fundamentais de Nietzsche*; 3. *O modo de pensar de Nietzsche no todo de sua existência*. O Livro II, o maior deles, subdivide-se em seis capítulos, sendo o primeiro intitulado *O homem*, com quatro subitens, a saber: *Introdução: insuficiência junto ao homem*, *A existência do homem*, *O homem que produz a si mesmo (a moral)* e *A imagem nietzschiana promotora do homem*. É nesse capítulo em que Jaspers desenvolve suas reflexões sobre a tipologia do homem de Nietzsche.

o qual se acha pela primeira vez a meta propriamente dita do homem: o *além-do-homem* (JASPERS, 2015, p. 223-224, grifos do autor).

Quer dizer, Karl Jaspers dispõe a caracterização tipológica de Nietzsche em dois registros primordiais. No primeiro, o progenitor de *Zarathustra* refere-se a tipos da realidade efetiva, figuras típicas da existência empírica; no segundo, Nietzsche reporta-se ao homem enquanto possibilidade, enquanto ultrapassamento de sua própria condição ordinária. Prossegue o comentador, em complemento:

Imagens do homem, que não são meras apresentações de sua realidade efetiva, mas que se mostram como figuras em si evidentes de suas possibilidades desenvolvidas, *significa* ou bem paradigmas, pelos quais eu me oriento, ou bem *imagens de contraste*, das quais eu me desvio, ou *imagens diretrizes*, que me indicam o caminho. Essas imagens são funções de minha representação, das quais eu preciso, a fim de produzir a mim mesmo, na medida em que olho para modelos, contrastando-me com imagens opostas e experimentando imagens diretrizes em sua indeterminação amorfa como potências impulsionadoras. Os ‘homens superiores’ de Nietzsche são ao mesmo tempo paradigmas e imagens de contraste (*ibidem*, p. 224, grifos do autor).

Com esse duplo registro, o filósofo do martelo opera apenas no plano da mundanidade dos tipos humanos, rejeitando qualquer possibilidade de sentido extraterreno, metafísico. Para ele, tanto o desejável quanto o ignóbil mostram-se-nos mediante figuras humanas, o que nos conduz no limite à questão primordial *o que é o homem?* Podemos constatar, de resto, que com a aludida duplicidade notarial Nietzsche aponta também para o homem enquanto algo indeterminado, em constante processo de autossuperação.

Nessa análise dos tipos, outro intérprete a desenvolver uma fecunda discussão sobre a tipologia nietzschiana é Patrick Wotling. Em sua crítica imanente, o estudioso francês esmera-se em sustentar que a unidade organizadora dos escritos de Nietzsche consiste no *problema da civilização*. Assim, em sua obra *Nietzsche e o problema da civilização* (2013 [1991]), já no prefácio ele enuncia que a sua preocupação é “revelar uma lógica” e “situar a especificidade da *interrogação nietzschiana*” (WOTLING, 2013, p. 23, grifo do autor).

No imputar-se a referida tarefa, Wotling (*ibidem*, p. 27) afirma, sobre os escritos de Nietzsche, que “[...] para o homem é impossível eximir-se de uma linguagem imagética”. Ainda na esfera da metaforicidade, portanto, assevera tal comentador que

[...] é exatamente utilizando também certas imagens, selecionadas não só por conta de seu caráter sintético como também por seu valor revelador, e encadeadas segundo

um protocolo original, que Nietzsche transmite ao leitor as modalidades de sua interrogação e também as articulações capitais de sua lógica. Compreender Nietzsche pressupõe, assim, conhecer o regime de manipulação da rede metafórica que ele põe em marcha e, mais amplamente ainda, dominar o modo de escrita específica, que ele constrói ao longo dos anos, dessa ‘nova linguagem’ [...] (*idem*).

Na sobredita obra, Wotling investiga, na Parte II, *A metáfora médica: a cultura como sintoma*, e na Parte III *A metáfora artística: os instrumentos de cultura*. Já na Parte IV, a penúltima, o intérprete analisa *A tipologia das culturas*, subdividindo a tipologia nietzschiana em *tipologia das civilizações* (A linguagem metafórica dos climas: os níveis de cultura) e *tipologia dos tipos humanos* (A linguagem metafórica vegetal: os tipos humanos). Isso porque, “em virtude do vínculo fundamental entre cultura e *Züchtung*, essa tipologia de civilizações fornecerá ao mesmo tempo uma classificação dos ‘tipos humanos’” (*ibidem*, p. 295).

Em primeiro lugar, conforme Wotling, há em Nietzsche uma tipologia das civilizações, simbolizada pela linguagem metafórica dos climas. No § 236 de *Humano, demasiado humano*, o filósofo do espírito livre trata das *zonas da cultura*: “Podemos dizer [...] que as eras da cultura correspondem aos diversos cinturões climáticos [...] Em comparação com a zona temperada da cultura [...] a era transcorrida dá a impressão de um clima *tropical*” (NIETZSCHE, HHI 236, grifo do autor). Nietzsche, em suma, procura desenvolver um estudo comparativo das culturas, do valor delas. A linguagem metafórica das zonas climáticas refere-se a tipos de cultura e, por sua vez, a tipos de moral.

Em segundo lugar, Nietzsche utiliza-se da linguagem metafórica vegetal para empenhar-se no estudo dos tipos humanos. Conforme Wotling (2013, p. 327),

[...] a cada linha isocrônica de cultura, a cada nível da tipologia, corresponde a implantação de uma série precisa de instrumentos de cultura e, portanto, a fixação de um tipo humano. Para estudar esses tipos, Nietzsche utiliza-se outra vez de um recurso metafórico, mais precisamente, de uma linguagem metafórica vegetal. A cada clima de cultura corresponde uma “planta homem” específica, donde a questão central da tipologia nietzschiana: “[...] onde, até aqui, a planta ‘homem’ (*die Pflanze ‘Mensch’*) cresceu mais esplendorosamente?”. A função da linguagem metafórica da planta-homem é, pois, a de colocar o problema da seleção, da *Züchtung*, e do valor do tipo que favorece a seleção.

No Brasil, precisamente sobre a problemática tipológica, Frezzatti Junior é o comentador que investiga a questão dos tipos nietzschianos pela via metafórica vegetal, tanto em *Nietzsche contra Darwin* (2001) como depois em *A fisiologia de Nietzsche: a superação*

da dualidade cultura/biologia (2006). Entretanto, é no supracitado *Dicionário Nietzsche* onde o conceito de tipo aparece evidenciado de maneira mais englobante e pormenorizada. No apontado verbete, podemos acompanhar os vários modos pelos quais Nietzsche valeu-se da noção de tipo no decorrer dos seus escritos.

Pressupondo, pois, a divisão do *corpus* nietzschiano em três partes principais, é razoável supormos, a partir do reportado *Dicionário*, que existe uma questão comum a perpassar todos os períodos da produção do filósofo da Basileia: a oposição entre tipos decadentes e tipos superiores. Tal constatação aparece de modo mais taxativo a partir de *Assim falava Zaratustra*, quando sucede “[...] o experimento de construção de uma tipologia do além-do-homem, cuja característica básica é a superação de si através de novas criações de valores” (ARALDI, 2016, p. 394).

E essa tendência às oposições tipológicas pode ser averiguada de modo ainda mais cabal “no último ano de produção filosófica, [quando] Nietzsche ressaltou a polaridade entre os ‘tipos’, notadamente entre Dioniso e o Crucificado, entre o tipo superior e o ‘último homem’” (*ibidem*, p. 396). Para as pretensões deste artigo, é imprescindível retermos tal informação, haja vista que ela irá desempenhar um papel preponderante no âmbito maior de discussão do niilismo.

3. Uma abordagem do niilismo a partir dos tipos humanos em Nietzsche

Sem dúvida, é fato incontroverso que os comentadores de Nietzsche esforçam-se arduamente em procurar um conceito ou uma conjunção de conceitos a conferir unidade à obra do autor. Buscam tal uniformidade, por exemplo, na noção nietzschiana de vontade de potência, no eterno retorno do mesmo, na transvaloração dos valores etc. À toda evidência, não existe um conceito exclusivo a comprazer de maneira equânime a totalidade dos comentaristas. Conseqüentemente, essa multiplicidade de enfoques permite-nos, ademais, elucubrar inúmeras possibilidades de investida no *corpus* de Nietzsche.

Em sua obra *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia* (2009 [1971]), por exemplo, Müller-Lauter defende que o pensamento do filósofo da Basileia teria como *leitmotiv* justamente a presença recorrente de oposições ou de antagonismos (*Gegensätze*). De acordo com tal comentador,

As reflexões sobre a importância de Nietzsche para a problemática do niilismo me mostraram a necessidade de refletir novamente sobre as questões fundamentais de sua filosofia. Com isso, a tematização que o filósofo faz dos antagonismos (*Gegensätze*) mostrou-se um ponto de partida fecundo (MÜLLER-LAUTER, 2009 [1971], p. 23).

Malgrado a temática dos antagonismos sempre tenha ocupado a crítica especializada, Müller-Lauter foi o primeiro comentador a situá-la como questão *central* da filosofia nietzschiana. A problematização dos opostos, portanto, seria segundo tal estudioso um ponto de partida frutífero para o exame da filosofia de Nietzsche, notadamente pelo viés da vontade de potência⁷.

Tradutor, no Brasil, do mencionado livro de Müller-Lauter, e inspirando-se no pensamento do mesmo, Clademir Araldi, em *Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos* (2004), parte da

[...] hipótese de que há na filosofia de Nietzsche um *pensamento dos extremos*, ou seja, que o seu pensamento se move entre dois extremos: da perspectiva da negação da vida – de seu (s) sentido (s) e valor (es) – à perspectiva da suprema afirmação do mundo e da vida. [...] A radicalização da negação se dá por intermédio do pessimismo, do ceticismo, da decadência e, de um modo mais pleno, no niilismo. À medida que se radicaliza, a negação/destruição niilista se mostra em sua relação necessária com o modo de pensar mais radical e afirmativo do mundo, insistentemente perseguido por ele, mediante várias tentativas relacionadas entre si: a arte trágica, a vontade de potência, a filosofia dionisíaca e o eterno retorno do mesmo (ARALDI, 2004, p. 33-34, grifos nossos).

Dessa forma, em suas análises Araldi acaba cunhando a expressão *filosofia dos extremos*, para expressar, com bastante exatidão, a nosso ver, a problemática dos opostos/antagonismos em Nietzsche no âmbito do niilismo. Para o comentador brasileiro, destarte, o conceito a conferir unidade à obra nietzschiana é o conceito de niilismo, ou, mais

⁷ Nossa intenção, aqui, não é buscarmos respostas ou tratarmos especificamente do assunto dos antagonismos. Mais modestamente, apenas tomaremos a referida questão como ponto de partida para o estudo da filosofia de Nietzsche. Em sua obra, Müller-Lauter analisa pormenorizadamente, de inúmeros ângulos, a importância e os possíveis desdobramentos das oposições/antagonismos nos escritos do progenitor de *Zaratustra*. Contudo, a seguinte passagem de tal comentarista é bastante esclarecedora sobre uma possível solução para o problema: “Os antagonismos imanentes à obra de Nietzsche ocuparam os intérpretes desde o início de sua recepção. De fato, em muitos casos eles se dissolvem, quando se consideram as afirmações de Nietzsche no quadro de seu percurso filosófico [...]. Outras autocontradições do filósofo revelam-se, numa consideração mais atenta, aparentes, pelo fato de Nietzsche denominar com o mesmo conceito universal particularidades distintamente avaliadas ou avaliar de forma contrária um estado de coisas segundo sua relação com outros estados de coisas, ou seja, caracterizá-lo em vista dos diferentes aspectos que lhe são próprios” (MÜLLER-LAUTER, 2009 [1971], p. 27).

precisamente, a filosofia dos extremos, quer dizer, a alternância de Nietzsche entre a radicalização do niilismo, de um lado, e a busca de suas possibilidades de superação, de outro. A produção intelectual nietzschiana, para ele, apresenta, em todas as suas fases, um movimento que oscila entre os extremos de afirmação e de negação da existência.

Como se não bastasse, o supracitado intérprete acaba desenvolvendo uma metodologia bastante promissora para a investigação do niilismo na filosofia de Nietzsche. Sucede que, em vista da divisão tripartite da obra nietzschiana, Araldi efetua uma incursão nos extremos a partir dos *tipos* mais emblemáticos de cada período, a saber: o artista trágico, o espírito livre e o além-do-homem.

Não restam dúvidas, para Araldi, de que essas três figuras constituem-se precisamente em “[...] tipos de homem significativos, construídos para dar conta da questão do niilismo” (*ibidem*, p. 34). Isso porque, a seu ver,

A busca nietzschiana sempre renovada de uma solução à questão dos extremos negação/afirmação não se dá, a nosso ver, de um modo abstrato ou teórico, no sentido de um sistema especulativo. É a pretensão de construir um tipo de homem afirmativo que move a radicalidade do seu questionamento. Assim, entendemos que o modo mais próprio e coerente de abordar a questão do niilismo é mediante a análise dos esforços do filósofo alemão em construir um tipo de homem que radicalize a negação para, desse modo, atingir a suprema afirmação (*idem*).

Quer dizer, para tal comentador a problemática dos tipos presta-se de modo inequívoco para um amplo estudo sobre o niilismo na obra de Nietzsche. Assim sendo, o artista trágico, o espírito livre e o além-do-homem ocupam um papel destacado na reflexão elaborada por Araldi. Entende o comentador que “[...] neles e por meio deles ser-nos-á possível mergulhar nos abismos, mover-nos nas planícies e ascender aos cumes da filosofia nietzschiana” (*idem*). Ademais, sustenta Araldi que “[...] mediante esses três tipos é possível abranger a questão do niilismo, em sua relação com os temas fundamentais de sua filosofia” (*idem*).

Dessa maneira, entendemos que Araldi consegue desenvolver uma prolífica metodologia para a análise do niilismo a partir dos tipos humanos em Nietzsche. No primeiro período, o artista trágico aparece como um tipo de homem significativo, no âmbito de superação do pessimismo romântico: “[...] o artista trágico é o primeiro tipo de homem significativo que Nietzsche construiu para radicalizar e superar o pessimismo [...]” (*ibidem*, p.

39). No segundo período, desponta a figura “[...] do espírito livre como uma segunda tentativa nietzschiana significativa para superar o pensamento do vazio de sentido, do niilismo compreendido como ceticismo extremo” (*idem*). No último período, enfim, irrompe o além-do-homem “[...] como o tipo de homem extremo da filosofia nietzschiana, o qual é construído em relação com o pensamento do eterno retorno, com a noção de vontade de potência, na perspectiva da criação de valores” (*idem*).

Evidentemente, a questão da superação definitiva do niilismo na obra de Nietzsche encontra inúmeros percalços e afigura-se, ao fim e ao cabo, como bastante controversa e espinhosa. De momento, precisamos somente enaltecer a abordagem apresentada por Araldi, a qual compartilhamos, sendo que a utilizaremos como pressuposto para o desenvolvimento de nossas pesquisas porvindouras.

4. Considerações finais

É com Nietzsche “[...] que a reflexão filosófica sobre o niilismo alcança o seu mais alto grau, com um pensamento radical que mostra as origens mais remotas do fenômeno [...]” (PECORARO, 2007, p. 10). Mas, obviamente, a relevância dos estudos nietzschianos sobre a temática não se resume apenas à genealogia desse acontecimento na história ocidental. Um dos traços distintivos da empreitada do filósofo de Sils-Maria é justamente o seguinte: sua indagação sobre o niilismo está imbuída pelos seus esforços criativos, crítico-afirmativos, quer dizer, pela postura do autor de radicalizar o problema com o obstinado propósito de tentar superá-lo.

Ao longo da presente jornada, portanto, dissemos reiteradamente que o filósofo do martelo desenvolveu em seus escritos um extenso repertório de tipos humanos. Da mesma forma, assinalamos também a importância das oposições entre os tipos, principalmente entre tipos inferiores e tipos superiores. Uma das grandes obsessões de Nietzsche foi sem dúvida a tentativa de construir uma espécie de homem superior, apto a alcançar a suprema afirmação da vida. E, antes do mais, um homem que “[...] radicalize a negação para, desse modo, atingir a suprema afirmação” (ARALDI, 2004, p. 34).

Nessa perspectiva, a problemática dos tipos humanos, à luz do niilismo, conduziu-nos, inevitavelmente, para a proposta engendrada por Clademir Araldi, a fim de efetuarmos uma

investigação mais acurada sobre a matéria. Assim, neste artigo, em primeiro lugar, analisamos a questão tipológica geral, recorrendo a Jaspers e Wotling, e na sequência a estratégia concebida pelo comentador brasileiro para um estudo abarcante do niilismo a partir dos tipos humanos no interior do pensamento de Nietzsche.

A bem da verdade, eis uma questão da máxima envergadura, da máxima premência, uma questão crucial na obra de Nietzsche. Isso porque, como ele próprio dirá,

O problema que aqui coloco não é o que sucederá a humanidade na sequência dos seres (– o homem é um *final* –); mas sim que tipo de homem deve-se *cultivar*, deve-se *querer*, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro. Já houve, frequentemente, esse tipo de mais alto valor: mas como acaso feliz, como exceção, jamais como algo *querido*. Ele foi, isto sim, o mais temido, foi praticamente o temível até agora; – e a partir do temor foi querido, cultivado, *alcançado* o tipo oposto: o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem – o cristão... (NIETZSCHE, AC 3, grifos do autor)

5. Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARALDI, Clademir. **Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2004.

_____. *Tipo*. In: **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 394-396.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JASPERS, Karl. **Introdução à filosofia de Friedrich Nietzsche**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua Filosofia**. Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: UNIFESP, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução de Paulo César de Souza: Companhia das Letras, 2005.

_____. **O anticristo: maldição ao cristianismo; Ditirambos de Dioniso**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PECORARO, Rossano. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche e o problema da civilização**. Tradução de Vinicius de Andrade. São Paulo: Barcarolla, 2013.

